

**CURSO BÁSICO DE TEOLOGIA PARA LEIGOS**

---

# **LEITURA COMPLEMENTAR**

## ***AULA 12***

### ***FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA I***

**Pe. Daniel Antonio de Carvalho Ribeiro, scj**

## IDADE CONTEMPORÂNEA

### 1. INTRODUÇÃO GERAL À FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA: CONTEXTO, TEMAS E CORRENTES FILOSÓFICAS

A filosofia contemporânea, de forma geral, é o período da história da filosofia que se inicia no final do século XIX e se estende até os dias atuais. É um período marcado por uma profunda crise de valores e paradigmas, impulsionada por eventos históricos como as duas Guerras Mundiais, a Guerra Fria, o avanço tecnológico sem precedentes, a globalização e as transformações sociais e culturais.

Ao contrário de períodos anteriores, onde talvez houvesse duas ou três correntes dominantes, a filosofia contemporânea é caracterizada por uma pluralidade e fragmentação de abordagens, escolas e pensadores. Não há um "sistema" unificador, mas sim uma constante interrogação sobre a condição humana, a linguagem, a ciência, a política, a ética e a própria natureza da filosofia.

#### ***1.1 Contexto Histórico e Cultural***

Para entender a filosofia contemporânea, é crucial considerar o seu pano de fundo:

- a) **Crise da Razão Iluminista:** O otimismo na capacidade da razão para resolver todos os problemas humanos, tão presente no Iluminismo, é questionado. As atrocidades das guerras e a ascensão de regimes totalitários abalam a crença no progresso linear e na bondade intrínseca da humanidade.
- b) **Avanços Científicos e Tecnológicos:** A física quântica, a teoria da relatividade, a biologia molecular e, mais recentemente, a inteligência artificial e a biotecnologia, desafiam concepções tradicionais de realidade, tempo, espaço, vida e consciência.
- c) **Transformações Sociais e Políticas:** O surgimento de novas ideologias, movimentos sociais (feminismo, direitos civis, ambientalismo), a descolonização e a globalização trazem à tona questões de identidade, poder, justiça e reconhecimento.

- d) **Crise da Metafísica Tradicional:** Muitos filósofos questionam a possibilidade de construir grandes sistemas metafísicos que explicam a totalidade da realidade, focando-se em problemas mais específicos e na análise da linguagem.

### ***1.2 Principais Temas da Filosofia Contemporânea***

Apesar da diversidade, alguns temas recorrentes e interligados perpassam as diferentes correntes:

- a) **A Questão do Sujeito e da Subjetividade:** Após o sujeito cartesiano e kantiano, a filosofia contemporânea desconstrói a ideia de um sujeito autônomo e racional. O sujeito é visto como atravessado pela linguagem, pela história, pelo inconsciente, pelo poder e pelas relações sociais. Questões de identidade, alteridade e reconhecimento tornam-se centrais.
- b) **Linguagem e Significado:** A "virada linguística" (linguistic turn) é um marco. A linguagem deixa de ser vista como um mero instrumento transparente para representar a realidade e passa a ser entendida como constitutiva da nossa experiência e do nosso pensamento. A análise da linguagem torna-se fundamental para a compreensão de problemas filosóficos.
- c) **Ética e Moral na Pós-Modernidade:** Diante da crise dos grandes sistemas morais e religiosos, a ética contemporânea lida com o relativismo, a pluralidade de valores e a busca por fundamentos para a ação moral em um mundo complexo. Temas como a ética da responsabilidade, a ética ambiental, a bioética e a ética da alteridade ganham destaque.
- d) **Política e Poder:** A crítica às formas de poder (disciplinar, biopolítico), a análise das ideologias, a busca por modelos de justiça social e a reflexão sobre a democracia em sociedades complexas são temas cruciais. A relação entre poder, conhecimento e verdade é intensamente investigada.
- e) **Tecnologia e Condição Humana:** O impacto da tecnologia na vida humana, na percepção da realidade, na ética e na própria definição do que significa ser humano é um campo de

intensa reflexão. Questões sobre inteligência artificial, transhumanismo, vigilância e a relação homem-máquina estão cada vez mais presentes.

- f) **Arte e Estética:** A arte contemporânea, com suas rupturas e experimentações, desafia as categorias estéticas tradicionais e provoca reflexões sobre o belo, o feio, o sublime, a experiência estética e o papel da arte na sociedade.
- g) **Ciência e Epistemologia:** A filosofia da ciência questiona os fundamentos do conhecimento científico, a objetividade, a verdade e a relação entre ciência e sociedade. A demarcação entre ciência e não-ciência, a natureza das teorias científicas e o papel da observação são temas constantes.
- h) **Pós-colonialismo e Multiculturalismo:** A partir da segunda metade do século XX, a filosofia começa a incorporar perspectivas de culturas não-ocidentais e a questionar o eurocentrismo do pensamento filosófico, abordando temas como identidade cultural, opressão, libertação e diálogo intercultural.

### ***1.3 Principais Correntes Filosóficas Contemporâneas***

Vamos explorar algumas das correntes mais influentes, lembrando que muitas delas se entrelaçam e dialogam:

#### ***1.3.1 Fenomenologia:***

- **Início:** Edmund Husserl (final do século XIX, início do XX).
- **Ideia Central:** Retornar "às coisas mesmas", ou seja, à experiência imediata e à forma como os fenômenos se apresentam à consciência, buscando descrever as estruturas essenciais da experiência.
- **Pensadores Principais:** Edmund Husserl, Martin Heidegger (que a transformou em Existencialismo), Maurice Merleau-Ponty, Emmanuel Levinas.
- **Temas:** Consciência, intencionalidade, corpo vivido, intersubjetividade e tempo.

### 1.3.2 Existencialismo:

- **Início:** Desenvolve-se a partir da Fenomenologia e de pensadores como Kierkegaard e Nietzsche. Ganha força após a Segunda Guerra Mundial.
- **Ideia Central:** A existência precede a essência. O ser humano é livre e responsável por criar seu próprio sentido em um mundo desprovido de sentido intrínseco. Foco na angústia, liberdade, escolha, responsabilidade e finitude.
- **Pensadores Principais:** Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre, Albert Camus, Simone de Beauvoir.
- **Temas:** Liberdade, angústia, absurdo, autenticidade, morte e responsabilidade.

### 1.3.3 Filosofia Analítica:

- **Início:** Final do século XIX e início do XX, com Gottlob Frege, Bertrand Russell e Ludwig Wittgenstein (primeira fase).
- **Ideia Central:** Foco na análise lógica da linguagem para resolver problemas filosóficos. Acredita que muitos problemas filosóficos são, na verdade, problemas de linguagem mal compreendidos. Busca clareza, precisão e rigor lógico.
- **Pensadores Principais:** Gottlob Frege, Bertrand Russell, Ludwig Wittgenstein (Tractatus Logico-Philosophicus), Rudolf Carnap, Willard Van Orman Quine, John L. Austin, John Searle.
- **Temas:** Lógica, linguagem, significado, verdade, epistemologia e filosofia da mente.

### 1.3.4 Estruturalismo (meados do século XX):

- **Ideia Central:** Busca identificar estruturas subjacentes (linguísticas, sociais, culturais) que organizam e dão sentido aos fenômenos humanos. Influenciado pela linguística de Saussure.
- **Pensadores Principais:** Claude Lévi-Strauss (antropologia), Jacques Lacan (psicanálise), Louis Althusser (marxismo), Roland Barthes (semiologia).

### 1.3.5 Pós-Estruturalismo (final do século XX):

- **Ideia Central:** Critica a rigidez e a pretensão de universalidade das estruturas. Desconstrói as oposições binárias, a ideia de um centro ou origem e a estabilidade do significado. Foco na diferença, na multiplicidade e na fluidez.
- **Pensadores Principais:** Jacques Derrida, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Jean-François Lyotard.
- **Temas:** Linguagem, poder, discurso, sujeito, diferença, desconstrução e genealogia.

### 1.3.6 Hermenêutica:

- **Início:** Desenvolve-se a partir de Schleiermacher e Dilthey, mas ganha nova força com Heidegger e Gadamer.
- **Ideia Central:** A compreensão não é um ato neutro, mas um processo interpretativo que envolve a fusão de horizontes entre o intérprete e o texto/fenômeno. A verdade é sempre contextual e histórica.
- **Pensadores Principais:** Hans-Georg Gadamer, Paul Ricoeur.
- **Temas:** Interpretação, compreensão, linguagem, história, tradição e texto.

### 1.3.7 Teoria Crítica (Escola de Frankfurt):

- **Início:** Décadas de 1920-1930, com Max Horkheimer, Theodor W. Adorno.
- **Ideia Central:** Crítica radical à sociedade capitalista e à razão instrumental que leva à dominação. Analisa a cultura de massa, a indústria cultural e as formas de alienação. Busca a emancipação humana.
- **Pensadores Principais:** Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Herbert Marcuse, Jürgen Habermas.
- **Temas:** Razão instrumental, indústria cultural, alienação, dominação, comunicação, esfera pública e reconhecimento.

### 1.3.8 Pós-Modernismo:

- **Início:** Final do século XX. Não é uma escola unificada, mas um conjunto de críticas e sensibilidades.
- **Ideia Central:** Questiona as "grandes narrativas" (meta-narrativas) da modernidade (progresso, razão universal, emancipação total). Enfatiza a fragmentação, a pluralidade, a desconstrução, o ceticismo em relação à verdade universal e a valorização das diferenças.
- **Pensadores Principais:** Jean-François Lyotard, Jacques Derrida, Jean Baudrillard, Richard Rorty.
- **Temas:** Meta-narrativas, fragmentação, simulacro, hiper-realidade, relativismo e pluralidade.

### 1.3.9 Filosofia da Mente:

- **Início:** Ganha grande destaque a partir da segunda metade do século XX, com raízes na filosofia analítica.
- **Ideia Central:** Investiga a natureza da mente, a relação mente-corpo, a consciência, a intencionalidade, a percepção, a memória e a inteligência artificial.
- **Pensadores Principais:** Daniel Dennett, John Searle, Hilary Putnam, Patricia Churchland.
- **Temas:** Consciência, qualia, problema mente-corpo, funcionalismo e inteligência artificial.

### 1.3.10 Ética Contemporânea e Filosofia Política:

- **Início:** Diversas abordagens a partir da segunda metade do século XX.
- **Ideia Central:** Busca por fundamentos para a justiça, a liberdade e a vida com qualidade em sociedades complexas e pluralistas. Lida com a crise dos grandes sistemas morais, a pluralidade de valores e os desafios globais.

- **Pensadores Principais:** John Rawls, Robert Nozick, Jürgen Habermas, Martha Nussbaum, Peter Singer.
- **Temas:** Justiça distributiva, direitos humanos, democracia deliberativa, ética da responsabilidade, bioética, ética ambiental, reconhecimento e multiculturalismo.

Em poucas palavras, a filosofia contemporânea é, portanto, um campo de intensa atividade, caracterizado pela sua diversidade e pela sua capacidade de se engajar criticamente com os desafios do nosso tempo. Ela nos convida a questionar, a desconstruir e a reconstruir nossos modos de pensar sobre nós mesmos, sobre os outros e sobre o mundo. Longe de oferecer respostas fáceis, ela nos oferece ferramentas conceituais para navegar na complexidade e na incerteza, promovendo uma reflexão contínua e um engajamento crítico com a realidade.

É um campo que está em constante evolução, e muitas das correntes mencionadas se entrelaçam e influenciam mutuamente, criando um diálogo rico e multifacetado. A seguir, será apresentado os pensadores mais importantes deste período.

## **2. GEORG WILHELM FRIEDRICH HEGEL (1770-1831)**

Georg Wilhelm Friedrich Hegel foi um filósofo alemão, considerado um dos pensadores mais importantes do idealismo alemão e uma figura central na história da filosofia ocidental. Sua obra é complexa, mas seu impacto é inegável, influenciando desde o marxismo até a teologia e a filosofia existencialista.

Hegel nasceu em Stuttgart, Alemanha, em 1770. Estudou teologia e filosofia no seminário de Tübingen, onde foi colega de grandes nomes como o poeta Hölderlin e o filósofo Schelling. Essa época foi marcada por um fervor intelectual e político, com a Revolução Francesa e o Iluminismo moldando o pensamento da época.

Após seus estudos, trabalhou como tutor particular e, mais tarde, como diretor de ginásio. Foi em Jena que começou a desenvolver suas ideias mais originais, mas a invasão napoleônica da cidade o forçou a fugir. Sua carreira acadêmica floresceu em Heidelberg e, finalmente, em

Berlim, onde se tornou professor universitário e alcançou grande prestígio, sendo considerado o filósofo oficial do Estado prussiano. Morreu em 1831, vítima de uma epidemia de cólera.

## **2.1 A Dialética e o Espírito Absoluto**

Para entender Hegel, precisamos nos familiarizar com alguns conceitos-chave:

- a) *A Dialética*: Este é o método central de Hegel. Não é apenas uma forma de argumentar, mas a própria estrutura da realidade e do pensamento. A dialética funciona em três momentos:
  - Tese: Uma ideia ou conceito inicial.
  - Antítese: A negação ou oposição à tese, que revela suas limitações ou contradições.
  - Síntese: A superação da tese e da antítese em um novo conceito que as inclui e as eleva, resolvendo a contradição em um nível superior. A síntese, por sua vez, torna-se uma nova tese, e o processo continua. É um movimento de progresso, de desenvolvimento, onde o que é mais simples se torna mais complexo e rico.
- b) *O Espírito (Geist)*: Este é o conceito mais importante e talvez o mais difícil de Hegel. O "Espírito" não é apenas a mente individual, mas uma realidade universal, a própria razão que se manifesta e se desenvolve na história, na cultura, na arte, na religião e na filosofia. É a realidade em seu processo de autoconhecimento.
  - O Espírito começa em um estado "em si" (potencial), passa por um estado "fora de si" (alienação, como na natureza ou na história), e finalmente retorna a si "para si" (autoconsciência plena).
  - A história humana, com suas lutas, conquistas e contradições, é o palco onde o Espírito se desenvolve e se torna consciente de si mesmo.
- c) *O Absoluto*: Para Hegel, o Absoluto é a totalidade da realidade, que é idêntica ao Espírito em seu estado de autoconsciência plena. Não é uma substância estática, mas um processo dinâmico de desenvolvimento. A filosofia, para Hegel, é a culminação desse processo, onde o Espírito finalmente se compreende em sua totalidade.

Em poucas palavras, Hegel via a realidade como um processo dinâmico e racional, impulsionado pela dialética, onde o Espírito (a Razão universal) se desdobra e se torna autoconsciente através da história, da cultura e do pensamento humano, culminando no Absoluto. Tudo o que existe – a natureza, a sociedade, a arte, a religião, a filosofia – são momentos desse desenvolvimento do Espírito.

## **2.2 A Visão de Deus em Hegel: Um Deus em Processo**

A visão de Deus em Hegel é profundamente original e, para muitos, revolucionária, mas também complexa e por vezes ambígua para a teologia tradicional.

Para Hegel, Deus não é um ser estático, transcendente e completamente separado do mundo, como muitas vezes é concebido na teologia clássica. Em vez disso, Deus é o próprio Espírito Absoluto que se desenvolve e se realiza através da história e da consciência humana.

- a) *Deus como Processo:* Deus não é apenas "é", mas "se torna". Ele se manifesta e se compreende a si mesmo através do mundo e da humanidade. A criação, a história, a cultura, a religião e a filosofia são os meios pelos quais Deus se revela e atinge a autoconsciência.
- b) *A Encarnação de Cristo como Momento Chave:* Hegel via a Encarnação de Jesus Cristo como o momento central da história, onde o Espírito Absoluto (Deus) se manifesta plenamente na finitude humana. De acordo com seu sistema filosófico, Cristo é a união do divino e do humano, o ponto em que Deus se torna consciente de si mesmo na forma humana. A morte e ressurreição de Cristo são interpretadas dialeticamente como a negação da finitude e a superação para uma vida espiritual superior.
- c) *O Espírito Santo e a Comunidade:* O Espírito Santo, para Hegel, é a consciência de Deus na comunidade, na Igreja. É através da comunidade de fiéis que a verdade de Cristo se torna viva e presente.
- d) *Deus e o Mundo:* Não há uma separação radical entre Deus e o mundo. O mundo é o lugar onde Deus se exterioriza, se aliena de si mesmo para, finalmente, retornar a si

mesmo em uma compreensão mais rica e plena. O mundo não é uma criação "fora" de Deus, mas parte do processo de autoconstituição de Deus.

Em termos mais simples, imagine Deus não como um artista que pinta um quadro e depois se afasta, mas como a própria obra de arte que está em constante criação e que, ao se criar, se compreende a si mesma. A humanidade, com sua história e seu pensamento, é parte essencial dessa "autocriação" e "autoconsciência" divina.

### **2.3 A Resposta Católica à Filosofia de Hegel: Diálogo e Crítica**

A filosofia de Hegel gerou reações intensas e variadas no pensamento católico, desde a rejeição total até tentativas de incorporação e diálogo.

#### *2.3.1 Pontos de Tensão e Críticas*

- a) **A Natureza de Deus (Panteísmo/Panenteísmo):** A principal crítica é que a visão hegeliana de Deus tende ao panteísmo (Deus é tudo e tudo é Deus) ou ao panenteísmo (tudo está em Deus, e Deus está em tudo, mas Deus é mais do que tudo). A teologia católica, por outro lado, afirma a transcendência de Deus: Deus é distinto e está acima de sua criação, embora também seja imanente (presente nela). A distinção entre Criador e criatura é fundamental.
  - Para a Igreja, Deus é um ser pessoal, subsistente, que existe independentemente do mundo. O mundo é uma criação livre de Deus, não uma etapa necessária de seu autodesenvolvimento.
- b) **A Historicidade da Verdade e da Revelação:** Embora Hegel valorize a história, sua visão de que a verdade se desenvolve dialeticamente na história pode ser vista como relativizando a verdade da Revelação divina, que a Igreja considera como dada de uma vez por todas em Cristo.
  - A Igreja afirma que a Revelação em Cristo é plena e definitiva, embora a compreensão desta Revelação possa se aprofundar ao longo do tempo.
- c) **A Liberdade de Deus e do Homem:** Se Deus é um processo necessário de autodesenvolvimento, isso pode comprometer a liberdade divina (Deus age por

necessidade, não por livre escolha) e a liberdade humana (o homem seria um mero instrumento do Espírito).

- A teologia católica enfatiza a liberdade absoluta de Deus em criar e salvar, e a liberdade do homem para responder (ou não) à graça divina.

d) **A Pessoa de Cristo:** Embora Hegel valorize a Encarnação, sua interpretação pode reduzir Cristo a um "momento" no processo do Espírito, em vez de reconhecê-lo como a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, com uma identidade pessoal e divina única.

### 2.3.2 Pontos de Diálogo e Influência

Apesar das críticas, a filosofia de Hegel não foi simplesmente ignorada. Muitos teólogos católicos reconheceram seu valor e tentaram dialogar com ela:

- a) **Valorização da História:** Hegel forçou a teologia a levar a sério a historicidade da Revelação e o desenvolvimento do dogma. Antes de Hegel, a teologia tendia a ser mais estática. Ele ajudou a perceber que a fé não é apenas um conjunto de verdades atemporais, mas se desdobra e é compreendida dentro da história humana.
- b) **A Importância da Comunidade (Igreja):** A ênfase de Hegel no Espírito se realizando na comunidade ressoou com a compreensão católica da Igreja como o Corpo de Cristo e o lugar onde o Espírito Santo atua.
- c) **Aprofundamento da Doutrina Trinitária:** Alguns teólogos viram na dialética hegeliana uma ferramenta para pensar a dinâmica interna da Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) não como três entidades separadas, mas como um Deus em relação e em processo de amor. Karl Rahner, conhecido teólogo católico do século XX, por exemplo, utilizou elementos do pensamento hegeliano para desenvolver sua teologia da Trindade e da Encarnação, embora sempre mantendo a distinção entre Deus e o mundo.

- d) **A Teologia da Cruz:** A ideia hegeliana de que o Espírito se realiza através da negação e da superação de contradições encontrou eco na teologia da cruz, onde a morte de Cristo não é o fim, mas o caminho para a ressurreição e a vida nova.
- e) **Filosofia da Religião:** Hegel ofereceu uma das mais profundas filosofias da religião, analisando as diferentes formas religiosas como estágios no autoconhecimento do Espírito. Isso estimulou a teologia a refletir sobre a natureza da religião e sua relação com a razão.

Em resumo, a Igreja Católica, em sua sabedoria, não rejeitou Hegel por completo, mas o abordou com discernimento. Reconheceu a profundidade de sua análise da história, da consciência e da religião, mas manteve firmes suas próprias verdades sobre a transcendência de Deus, a liberdade divina e humana, e a singularidade da Revelação em Cristo. O diálogo com Hegel ajudou a teologia católica a se tornar mais dinâmica, histórica e consciente de sua própria evolução, sem, contudo, comprometer seus fundamentos doutrinários.

### **3. PIERRE TEILHARD DE CHARDIN (1881-1955)**

Pierre Teilhard de Chardin foi um padre jesuíta francês, nascido em 1881. Desde cedo, mostrou um profundo interesse pela natureza, especialmente pela geologia e paleontologia. Essa paixão pela ciência o levou a uma vida de pesquisa e exploração, que o levou a diversos cantos do mundo, incluindo a China, onde participou de importantes descobertas arqueológicas e paleontológicas, como a do "Homem de Pequim".

Ao mesmo tempo, Teilhard era um homem de fé profunda, ordenado sacerdote em 1911. Sua vida foi marcada por uma constante tentativa de harmonizar sua experiência científica com sua fé cristã. Ele viveu durante um período de grande tensão entre ciência e religião, e sentia que a Igreja precisava de uma nova linguagem para dialogar com o mundo moderno e suas descobertas.

No entanto, suas ideias, que tentavam integrar a evolução com a teologia, foram vistas com desconfiança por parte da hierarquia eclesiástica. Ele foi proibido de publicar suas obras

filosóficas e teológicas em vida e foi enviado para missões de pesquisa longe da Europa, o que muitos interpretaram como uma forma de "exílio". Apesar das restrições, ele continuou a escrever e a desenvolver seu pensamento, que só foi amplamente conhecido e publicado postumamente. Morreu em Nova York, em 1955.

### **3.1 A Evolução e o Ponto Ômega**

Teilhard de Chardin é mais conhecido por sua tentativa de construir uma "visão cristã do universo" que integrasse a teoria da evolução. Para ele, a evolução não era apenas um processo biológico, mas uma lei universal que permeia toda a realidade, desde a matéria inanimada até a consciência humana e, finalmente, Deus.

Vamos aos conceitos-chave:

- a) *A Evolução como Lei Universal:* Para Teilhard, o universo não é estático, mas está em constante movimento e desenvolvimento. A evolução não se limita à biologia; ela é uma força cósmica que impulsiona tudo para uma maior complexidade e consciência.
  - Ele via a história do universo como uma ascensão contínua: da Geosfera (matéria inanimada) à Biosfera (vida biológica), e daí à Noosfera (a esfera do pensamento e da consciência humana).
- b) *A Noosfera:* Este é um conceito central. Com o surgimento da humanidade, a evolução atinge um novo patamar: a capacidade de refletir, de pensar, de se autoconscientizar. A Noosfera é a camada de pensamento e consciência que envolve a Terra, criada pela mente humana. É como se a Terra estivesse desenvolvendo um "cérebro" coletivo.
- c) *A Lei da Complexidade-Consciência:* Teilhard observou que, ao longo da evolução, há uma tendência para o aumento da complexidade (estruturas mais elaboradas) e, concomitantemente, para o aumento da consciência (maior interioridade, reflexão). Quanto mais complexa a organização da matéria, maior o grau de consciência que ela pode expressar.
- d) *O Ponto Ômega:* Este é o ápice da visão de Teilhard. Se a evolução é um processo de convergência em direção a uma maior complexidade e consciência, ela deve ter um

ponto final, um destino. O Ponto Ômega é esse ponto de máxima unificação e consciência, para onde toda a evolução do universo converge.

- Para Teilhard, o Ponto Ômega não é uma força impessoal, mas uma realidade pessoal, um centro de amor e atração que puxa o universo para si. Ele identificou o Ponto Ômega com Cristo Pantokrator (Cristo Rei do Universo), o Cristo cósmico que recapitula e unifica toda a criação.

Em resumo, Teilhard via o universo como um vasto processo evolutivo, impulsionado por uma força interior, que se move da matéria à vida, da vida à consciência, e da consciência à unificação em um ponto final, o Ponto Ômega, que é Cristo. Para ele, a criação não é um evento passado, mas um processo contínuo de "cristificação" do universo.

### **3.2 A Visão de Deus em Teilhard de Chardin: O Cristo Cósmico e Evolutivo**

A visão de Deus de Teilhard é intrinsecamente ligada à sua compreensão da evolução. Ele não via Deus como um ser distante que criou o mundo e depois se afastou, mas como o motor e o destino da própria evolução.

- a) *Deus como o "Para Frente" da Evolução:* Deus é a energia que impulsiona o universo para a frente, para uma maior complexidade e consciência. Ele é o "futuro" que atrai toda a criação para si.
- b) *O Cristo Cósmico:* Para Teilhard, Jesus Cristo não é apenas um homem que viveu há dois mil anos, mas o centro e o sentido de todo o universo. Ele é o Ponto Ômega, o fim último para o qual toda a criação se dirige. A Encarnação de Cristo é o momento em que Deus se insere diretamente no processo evolutivo, dando-lhe direção e propósito.
- c) *Deus como Amor Unificador:* O Ponto Ômega, sendo Cristo, é um centro de amor que unifica todas as coisas. A evolução, em sua fase final, é um processo de amor que leva à união de todas as consciências em uma "super-consciência" coletiva, sem anular as individualidades, mas as elevando a um novo patamar de comunhão.
- d) *Deus Imanente e Transcendente:* Teilhard tentou manter um equilíbrio. Deus é imanente porque está presente e atuante em todo o processo evolutivo, sendo sua força motriz.

Mas Ele também é transcendente porque é o Ponto Ômega, o destino final que está "além" do processo, atraindo-o para si.

Em termos mais simples imagine o universo como um rio gigantesco que flui. Deus não é apenas a fonte do rio, mas também o oceano para onde todas as águas se dirigem, e a própria força da corrente que o impulsiona. Cristo é o farol no horizonte desse oceano, atraindo tudo para si, e também a energia vital que faz o rio fluir.

### ***3.3 A Resposta Católica à Filosofia de Teilhard de Chardin: Cautela e Reconhecimento Crescente***

A recepção das ideias de Teilhard de Chardin pela Igreja Católica foi complexa e, por muito tempo, marcada pela cautela e pela proibição.

#### *3.3.1 Pontos de Tensão e Críticas Iniciais*

- a) *Ambiguidade Teológica e Terminológica*: A linguagem de Teilhard era muito original e, por vezes, parecia se afastar da terminologia teológica tradicional. Seus críticos temiam que suas ideias pudessem levar a:
- Panteísmo/Panenteísmo: A ideia de que Deus e o mundo estão tão interligados que a distinção entre Criador e criatura se perde. Embora Teilhard afirmasse a transcendência de Deus, sua ênfase na imanência e na "cristificação" do universo gerou preocupação.
  - Naturalismo: A redução da graça e da ação divina a meros processos naturais ou evolutivos, diminuindo a necessidade da Revelação e dos sacramentos.
  - Otimismo Excessivo: Uma visão que minimizava o problema do mal e do pecado original, vendo a evolução como um progresso inevitável.
  - Cristologia Ambígua: A interpretação do Cristo Cósmico, embora rica, poderia parecer diluir a singularidade histórica de Jesus de Nazaré e a doutrina da Santíssima Trindade.

- b) *Falta de Rigor Filosófico/Teológico*: Alguns críticos argumentavam que Teilhard era mais um "visionário" ou "poeta" do que um filósofo ou teólogo sistemático, e que suas ideias careciam do rigor conceitual necessário.
- c) *Conflito com o Magistério*: Em 1962, o Santo Ofício (hoje Dicastério para a Doutrina da Fé) emitiu um "Monitum" (advertência) sobre as obras de Teilhard, alertando para "ambiguidades e erros doutrinários" e desaconselhando a publicação e a leitura de seus livros sem a devida cautela. Isso refletia uma preocupação em proteger a ortodoxia da fé em um período de grandes mudanças.

### 3.3.2 Pontos de Diálogo e Reconhecimento Crescente

Apesar das proibições iniciais, as ideias de Teilhard de Chardin continuaram a circular e a influenciar muitos pensadores católicos, especialmente após o Concílio Vaticano II (1962-1965), que abriu a Igreja para um diálogo mais intenso com o mundo moderno e a ciência.

- a) *Reconciliação entre Fé e Ciência*: Teilhard ofereceu um modelo poderoso para integrar a fé cristã com a visão científica do universo, especialmente a evolução. Ele mostrou que a evolução não precisa ser uma ameaça à fé, mas pode ser vista como o método de Deus para criar e desenvolver o mundo.
- b) *Visão Cósmica de Cristo*: Sua teologia do Cristo Cósmico ressoou com a tradição patrística (dos Padres da Igreja) e com a visão bíblica de Cristo como o Alfa e Ômega, o centro de toda a criação (Colossenses 1, 15-20). Isso ajudou a expandir a compreensão de Cristo para além de uma figura puramente histórica, para um significado universal.
- c) *Espiritualidade do Engajamento no Mundo*: Teilhard inspirou uma espiritualidade que valoriza o trabalho humano, o progresso científico e o engajamento na construção do mundo. Para ele, o trabalho não é apenas uma necessidade, mas uma forma de colaborar com a obra criadora e "cristificadora" de Deus.

- d) *Influência no Magistério Recente*: Embora nunca tenha sido formalmente "reabilitado", a influência de Teilhard pode ser percebida em documentos e discursos papais mais recentes.
- São João Paulo II elogiou sua "grande intuição" e sua "profunda e apaixonada visão do universo".
  - Papa Bento XVI citou-o positivamente em algumas ocasiões, especialmente sobre a ideia de que o universo está "gemendo" em direção a uma plenitude.
  - Papa Francisco, em sua encíclica *Laudato Si'*, sobre o cuidado da casa comum, retoma a ideia de que "o destino de toda a criação passa pelo mistério de Cristo" e que "o Espírito Santo tece a comunhão cósmica", ideias que têm um eco teilhardiano, embora sem citá-lo diretamente. A visão de um universo em evolução, interconectado e com um destino em Cristo, é central na encíclica.

Em poucas palavras, a Igreja Católica inicialmente reagiu com cautela e restrições às ideias de Teilhard de Chardin, preocupada com possíveis desvios doutrinários. No entanto, com o tempo, houve um reconhecimento crescente do valor de sua tentativa de harmonizar fé e ciência, e de sua visão grandiosa de um Cristo Cósmico que é o centro e o destino de toda a evolução. Suas ideias continuam a ser um campo fértil para o diálogo entre teologia e ciência, inspirando muitos a ver a criação e a evolução como parte de um único e maravilhoso plano divino.

#### **4. SØREN KIERKEGAARD (1813-1855)**

Søren Aabye Kierkegaard foi um filósofo, teólogo e escritor dinamarquês, nascido em Copenhague em 1813. Sua vida foi relativamente curta, mas intensamente dedicada à reflexão e à escrita. Ele é uma figura complexa, muitas vezes melancólica e irônica, que se opôs veementemente ao que considerava a superficialidade da sociedade e da religião de seu tempo.

Kierkegaard teve uma infância e juventude marcadas por uma educação rigorosa e por uma profunda melancolia familiar, que ele chamava de "o grande terremoto" – uma série de eventos trágicos e segredos que o levaram a uma consciência aguda do pecado e da finitude. Ele estudou teologia na Universidade de Copenhague, mas nunca exerceu o ministério pastoral.

Um evento central em sua vida foi o rompimento de seu noivado com Regine Olsen. Embora a amasse profundamente, Kierkegaard sentiu que sua vocação filosófica e religiosa o impedia de se casar, e ele a deixou para se dedicar inteiramente à sua missão de "pensador religioso". Essa decisão, cheia de angústia e sacrifício, moldou grande parte de sua obra.

Ele passou a vida escrevendo abundantemente, muitas vezes sob pseudônimos, para explorar diferentes perspectivas e estágios da existência. Sua obra é uma crítica contundente à filosofia sistemática de Hegel (que ele via como abstrata e distante da vida real) e à Igreja Luterana estabelecida na Dinamarca, que ele acusava de ter se tornado complacente e formalista, perdendo a paixão e o risco da fé verdadeira. Morreu em 1855, aos 42 anos.

#### ***4.1 A Escolha, a Angústia e os Estágios da Existência***

Kierkegaard é o filósofo da existência individual. Para ele, a filosofia não é um sistema abstrato de ideias, mas uma reflexão sobre a vida concreta do indivíduo, suas escolhas, sua liberdade e sua relação com Deus.

Vamos aos conceitos-chave:

- a) *A Subjetividade é a Verdade*: Contra a objetividade e os sistemas de Hegel, Kierkegaard afirma que a verdade mais profunda não é algo que se possa demonstrar logicamente ou compreender de forma universal, mas algo que se vive e se experimenta na interioridade. A fé, em particular, não é uma doutrina, mas uma relação pessoal e apaixonada com Deus.
- b) *Os Estágios da Existência*: Kierkegaard descreve três "esferas" ou "estágios" da existência humana, que não são necessariamente sequenciais, mas modos de ser:

- *Estágio Estético*: Caracterizado pela busca do prazer, da beleza, da novidade e da satisfação imediata. O indivíduo estético vive no momento, evitando compromissos e responsabilidades. No entanto, essa vida leva ao tédio, ao desespero e à falta de sentido. Exemplo: Don Juan.
  - *Estágio Ético*: O indivíduo ético escolhe a responsabilidade, o dever, o compromisso com normas universais e com a comunidade. Ele se casa, assume um trabalho, vive de acordo com princípios morais. Há um sentido de propósito, mas também pode levar ao desespero quando o indivíduo percebe que não consegue cumprir perfeitamente seus deveres ou que a ética não pode responder a todas as questões da vida. Exemplo: O juiz Wilhelm.
  - *Estágio Religioso*: Este é o estágio mais elevado. O indivíduo religioso faz um "salto de fé" para além da ética e da razão, colocando sua vida inteiramente nas mãos de Deus. É uma relação pessoal e paradoxal com o Absoluto, que muitas vezes desafia a lógica e as normas sociais. É marcado pela paixão, pela angústia e pela fé. Exemplo: Abraão, que obedeceu a Deus mesmo quando lhe pediu para sacrificar seu filho Isaac, indo contra a ética universal.
- c) *Angústia e Desespero*: São sentimentos centrais na filosofia de Kierkegaard.
- *Angústia*: Surge da liberdade. É o vertiginoso sentimento de possibilidade, de ter que escolher e ser responsável por suas escolhas, sem garantias. É a "vertigem da liberdade".
  - *Desespero*: É a doença mortal do espírito. Pode ser o desespero de não querer ser si mesmo (fugir da liberdade e responsabilidade) ou o desespero de querer ser si mesmo (mas sem Deus, sem um fundamento último). A fé é a única cura para o desespero, pois é a entrega a Deus que nos constitui.
- d) *O Cavaleiro da Fé*: É a figura ideal de Kierkegaard. Alguém que, como Abraão, faz o "salto de fé", confia plenamente em Deus mesmo diante do absurdo e do paradoxo, e vive uma relação pessoal e apaixonada com o divino, sem precisar de provas ou sistemas racionais.

Em resumo, Kierkegaard nos convida a uma profunda autoanálise, a reconhecer nossa liberdade e responsabilidade, a enfrentar a angústia da escolha e a fazer um "salto" para uma fé pessoal e apaixonada em Deus, que transcende a razão e as convenções sociais. A vida não é um problema a ser resolvido, mas uma realidade a ser vivida com paixão e escolha.

#### **4.2 A Visão de Deus em Kierkegaard: O Deus Absolutamente Outro e o Salto de Fé**

A visão de Deus de Kierkegaard é radicalmente diferente da de Hegel. Para ele, Deus não é o Espírito Absoluto que se desenvolve na história ou na razão humana. Pelo contrário, Deus é o Absolutamente Outro, o totalmente transcendente, que está além da compreensão humana e da razão.

- a) *O Paradoxo e o Absurdo*: Deus é o grande paradoxo. A ideia de um Deus infinito que se encarna em um homem finito (Jesus Cristo) é um escândalo para a razão. A fé não é uma questão de lógica ou de provas, mas de aceitar esse paradoxo, de crer no que é absurdo para a razão.
- b) *A Relação Pessoal*: A fé em Deus não é uma adesão a um conjunto de doutrinas ou a uma instituição (a Igreja estabelecida), mas uma relação pessoal, íntima e apaixonada do indivíduo com o Transcendente. É um encontro existencial, não uma proposição teórica.<sup>1</sup>
- c) *O Risco da Fé*: Crer em Deus é um risco. Não há garantias, não há certezas objetivas. É um "salto" no escuro, uma decisão livre e angustiante que o indivíduo deve fazer sozinho, diante de Deus.
- d) *Deus como Exigência*: Deus não é um conceito confortável, mas uma exigência radical. Ele nos chama a uma vida de paixão, de sacrifício, de autenticidade, que muitas vezes entra em conflito com o mundo e suas convenções.
- e) *O "Contemporâneo de Cristo"*: Kierkegaard argumentava que, para ter uma fé verdadeira, o cristão deve se tornar "contemporâneo de Cristo", ou seja, viver a fé com a mesma paixão e o mesmo risco dos primeiros discípulos, como se Cristo estivesse vivo e presente hoje, exigindo uma decisão pessoal.

---

<sup>1</sup> Este é um dos pontos doutrinários problemáticos do pensamento de Kierkegaard. A fé em Cristo deve ser vivida também em uma comunidade de fé instituída por Ele, que subsiste na Igreja Católica Apostólica Romana.

Em termos mais simples, imagine Deus não como um professor que explica tudo em um livro, mas como um abismo que nos chama a saltar. A fé é o ato de coragem de saltar, mesmo sem ver o fundo, confiando que há algo lá. Cristo é a ponte invisível sobre esse abismo, que só se revela àqueles que ousam dar o passo.<sup>2</sup>

### **4.3 A Resposta Católica à Filosofia de Kierkegaard: Reconhecimento e Complementaridade**

A Igreja Católica, embora não tenha uma "resposta oficial" a Kierkegaard como a tem para alguns sistemas filosóficos, encontrou em seu pensamento muitos pontos de ressonância e valor, especialmente no século XX, com o surgimento da teologia existencial e personalista.

#### *4.3.1 Pontos de Diálogo e Reconhecimento*

- a) *A Importância da Subjetividade e da Relação Pessoal com Deus:* A ênfase de Kierkegaard na fé como uma relação pessoal e apaixonada com Deus, e não apenas como adesão a doutrinas, ressoa profundamente com a espiritualidade católica. A Igreja sempre valorizou a oração pessoal, a mística e a experiência individual de Deus.
  - O Concílio Vaticano II, por exemplo, enfatizou a vocação universal à santidade e a importância da consciência pessoal na decisão de fé.
- b) *A Crítica à Fé Nominal e ao Formalismo:* A crítica de Kierkegaard à "cristandade" de seu tempo, que ele via como uma fé morna e sem paixão, serviu como um alerta para a Igreja. Ele chamou a atenção para o perigo de uma fé meramente cultural ou tradicional, que não se traduz em um compromisso existencial.
  - Essa crítica é relevante para a Igreja em qualquer época, que busca sempre renovar a paixão e a autenticidade da fé em seus membros.
- c) *A Angústia e o Desespero como Caminho para Deus:* Kierkegaard mostrou que a angústia e o desespero, longe de serem apenas sentimentos negativos, podem ser portas de entrada para uma busca mais profunda de sentido e para o

---

<sup>2</sup> Este é um pensamento central e belíssimo na obra de Kierkegaard.

encontro com Deus. A teologia católica reconhece que a experiência do vazio, da finitude e do pecado pode levar o homem a clamar por Deus.

- A espiritualidade da Quaresma, por exemplo, convida à reflexão sobre a fragilidade humana e a necessidade da graça divina.

d) *O Paradoxo da Encarnação*: A insistência de Kierkegaard no paradoxo da Encarnação (Deus se fazendo homem) é central para a fé católica. A doutrina da união hipostática (duas naturezas, divina e humana, em uma só pessoa de Cristo) é, em si mesma, um mistério que transcende a razão.

- Kierkegaard ajudou a realçar que a fé não é apenas "compreender", mas "crer" no incompreensível.

e) *A Liberdade e a Responsabilidade Pessoal*: Sua ênfase na liberdade radical do indivíduo e na responsabilidade pelas próprias escolhas é um ponto forte. A teologia moral católica sempre destacou a importância da liberdade humana na resposta à graça e na construção da vida moral.

#### 4.3.2 Pontos de Cautela e Complementaridade

Embora valorizando muito Kierkegaard, a teologia católica também aponta para a necessidade de um equilíbrio:

a) *A Comunidade e a Igreja*: Kierkegaard, em sua crítica à Igreja estabelecida, tendeu a enfatizar a fé individual de forma quase exclusiva. A teologia católica, por outro lado, afirma que a fé é vivida e nutrida na comunidade eclesial. A Igreja não é apenas uma instituição, mas o Corpo de Cristo, o sacramento da salvação, onde a fé é transmitida, celebrada e aprofundada.

- A fé não é apenas um "salto solitário", mas um caminho comunitário.

b) *Razão e Fé*: Embora Kierkegaard enfatize o paradoxo e o "salto de fé" para além da razão, a teologia católica, seguindo Santo Tomás de Aquino e outros, busca harmonizar fé e razão. A razão pode preparar o caminho para a fé e ajudar a aprofundar sua compreensão, mesmo que a fé vá além da razão.

- A fé não é irracional, mas suprarracional.

- c) *Objetividade da Revelação*: Enquanto Kierkegaard foca na subjetividade da verdade, a Igreja Católica também afirma a objetividade da Revelação divina em Cristo e nas Escrituras. Há um conteúdo de fé que é dado e que a Igreja guarda e transmite.
- A verdade não é apenas o que eu sinto, mas o que Deus revelou.

Em resumo, Kierkegaard é um profeta da autenticidade da fé, um mestre da interioridade e da paixão religiosa. Sua filosofia serve como um poderoso lembrete para os católicos de que a fé não pode ser uma mera formalidade ou uma herança cultural, mas deve ser uma escolha pessoal, livre e apaixonada, vivida com angústia e responsabilidade diante de Deus. A Igreja Católica, ao mesmo tempo em que valoriza essa dimensão pessoal e existencial, busca integrá-la com a dimensão comunitária, sacramental e racional da fé, oferecendo um caminho de salvação que é tanto pessoal quanto eclesial.

## **5. KARL MARX (1818-1883):**

Karl Marx foi um filósofo, economista, sociólogo, historiador, jornalista e revolucionário socialista alemão. Nascido em Trier, na Prússia, em 1818, em uma família de origem judaica convertida ao protestantismo, Marx estudou direito e filosofia, sendo profundamente influenciado pelo idealismo alemão, especialmente por Hegel.

A vida de Marx foi marcada por um intenso ativismo político e intelectual. Após seus estudos, ele se dedicou ao jornalismo, onde suas críticas sociais e políticas o levaram a ser exilado de vários países europeus. Passou a maior parte de sua vida adulta em Londres, na Inglaterra, em condições de pobreza, mas sempre em colaboração com seu amigo e financiador, Friedrich Engels.

Em Londres, Marx aprofundou seus estudos sobre economia política, história e sociologia, desenvolvendo sua teoria do materialismo histórico e sua crítica ao capitalismo. Suas obras mais famosas incluem o "Manifesto Comunista" (escrito com Engels) e "O Capital", um estudo

profundo sobre a economia capitalista. Ele foi uma figura central na formação do movimento operário internacional, buscando a emancipação da classe trabalhadora. Morreu em 1883.

### **5.1 Materialismo Histórico e Luta de Classes**

O pensamento de Marx é vasto, mas podemos focar em alguns pilares centrais:

- a) *Materialismo Histórico*: Esta é a base de sua filosofia. Marx argumentava que a história da humanidade não é impulsionada por ideias, religiões ou grandes líderes (como pensava Hegel com seu "Espírito"), mas pelas condições materiais de existência, ou seja, pela forma como os seres humanos produzem seus meios de vida.
  - A estrutura econômica (as forças de produção – tecnologia, recursos – e as relações de produção – quem possui o quê, como o trabalho é organizado) é a base da sociedade.
  - A superestrutura (leis, política, religião, cultura, filosofia) é construída sobre essa base econômica e serve para justificá-la e mantê-la.
  - Para Marx, para entender uma sociedade, é preciso olhar para sua economia e para as relações de poder que dela derivam.
- b) *Luta de Classes*: A história de todas as sociedades até hoje é a história da luta de classes. Em cada época, há classes sociais com interesses opostos. No capitalismo, as duas classes principais são:
  - *Burguesia*: Os proprietários dos meios de produção (fábricas, terras, capital).
  - *Proletariado*: Os trabalhadores que possuem apenas sua força de trabalho e a vendem para a burguesia.
  - Marx via essa relação como intrinsecamente exploradora, onde a burguesia se apropria do "mais-valor" (mais-valia) gerado pelo trabalho do proletariado.
- c) *Alienação*: No sistema capitalista, o trabalhador se torna alienado (separado, estranho) de:
  - Seu produto: Ele não possui o que produz.
  - Seu processo de trabalho: Ele não controla como ou por que trabalha.

- Sua própria essência humana: O trabalho, que deveria ser uma expressão criativa, torna-se uma mera ferramenta de sobrevivência.
  - Outros seres humanos: A competição e a exploração separam as pessoas.
- d) *Revolução e Comunismo*: Marx acreditava que a luta de classes levaria inevitavelmente a uma revolução do proletariado, que derrubaria o capitalismo. O objetivo final seria o comunismo, uma sociedade sem classes, sem propriedade privada dos meios de produção, onde a produção seria organizada para satisfazer as necessidades de todos, e a alienação seria superada. Seria o fim da pré-história humana e o início da verdadeira história.

Em resumo, Marx via a sociedade como um campo de batalha de classes, impulsionado por forças econômicas. O capitalismo, embora tenha sido um estágio necessário, é inerentemente injusto e alienante. A solução é uma revolução que leve a uma sociedade comunista, onde a humanidade possa finalmente realizar seu potencial pleno, livre da exploração.

## **5.2 A Visão de Karl Marx sobre Deus e a Religião: O Ópio do Povo**

A visão de Marx sobre Deus e a religião é uma das mais conhecidas e controversas de seu pensamento. Para ele, a religião não é uma verdade revelada ou uma busca espiritual autêntica, mas um produto social e uma ilusão.

- a) *A Religião como Reflexo da Miséria Terrena*: Marx argumentava que a religião surge das condições de sofrimento e opressão no mundo real. Quando as pessoas estão oprimidas, exploradas e alienadas, elas buscam consolo e esperança em um mundo transcendente.
- b) *"O Ópio do Povo"*: Esta é a frase mais famosa de Marx sobre a religião. Ele a via como uma droga que adormece a consciência das massas, fazendo-as aceitar sua condição de sofrimento em troca de uma promessa de felicidade futura no céu.
- "A miséria religiosa é, por um lado, a expressão da miséria real e, por outro, o protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o

coração de um mundo sem coração, assim como o espírito de uma condição sem espírito. É o ópio do povo."

- c) *A Religião como Instrumento de Dominação*: Além de ser um consolo ilusório, Marx acreditava que a religião era usada pelas classes dominantes (a burguesia) para manter o *status quo*. Ao prometer recompensas no além e pregar a resignação e a obediência, a religião desviava a atenção dos oprimidos da necessidade de lutar por mudanças neste mundo.
- d) *A Abolição da Religião para a Emancipação Humana*: Para Marx, a crítica à religião é o primeiro passo para a crítica de todas as formas de opressão. A verdadeira felicidade e a emancipação humana só seriam alcançadas quando a humanidade abandonasse as ilusões religiosas e se dedicasse a transformar as condições materiais de sua existência. A abolição da religião, portanto, não é um fim em si, mas uma condição para a libertação real.

Em termos mais simples, imagine a religião como uma bela canção de ninar que os pais cantam para seus filhos famintos. A canção os acalma e os faz sonhar com um banquete, mas não resolve a fome real. Pior, os pais ricos usam essa canção para que os filhos pobres não se levantem e exijam comida de verdade. Para Marx, é preciso parar de cantar a canção e ir atrás da comida.

### ***5.3 A Resposta Católica à Filosofia de Karl Marx: Crítica e Diálogo Social***

A Igreja Católica reagiu ao marxismo de forma complexa, com uma forte condenação de suas bases ateias e materialistas, mas também com um reconhecimento crescente de suas críticas sociais e um diálogo sobre a justiça social.

#### ***5.3.1 Pontos de Tensão e Condenação***

- a) *Ateísmo e Materialismo*: A principal e irreconciliável divergência é o ateísmo militante de Marx e seu materialismo histórico.

- Para a Igreja, Deus é o Criador e Senhor do universo, a fonte de todo o sentido e valor. A religião não é uma ilusão, mas a resposta natural do coração humano a Deus e a via para a salvação.
  - O materialismo de Marx, que nega qualquer realidade espiritual ou transcendente, é diretamente oposto à fé católica.
- b) *Visão Reducionista do Ser Humano*: Marx tende a reduzir o ser humano a um ser puramente econômico e social, negando sua dimensão espiritual, sua alma imortal e sua vocação para a eternidade.
- A Igreja afirma a dignidade intrínseca da pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus, com uma alma espiritual e um destino transcendente.
- c) *Violência Revolucionária e Ditadura do Proletariado*: Embora Marx não tenha defendido a violência gratuita, a implementação de suas ideias muitas vezes levou a regimes totalitários e violentos, que a Igreja condena.
- A Igreja defende a transformação social pacífica, baseada na justiça, na caridade e no respeito à dignidade humana.
- d) *Negação da Propriedade Privada*: Embora a Igreja reconheça a função social da propriedade, ela defende o direito à propriedade privada como um direito natural, com limites e responsabilidades. A abolição total da propriedade privada, como proposto por Marx, é vista como contrária à natureza humana e à liberdade.

### 5.3.2 Pontos de Diálogo e Reconhecimento

Apesar das condenações, a Igreja não ignorou as críticas sociais de Marx. Pelo contrário, o marxismo forçou a Igreja a aprofundar sua própria reflexão sobre a justiça social e a condição dos trabalhadores.

- a) *A Doutrina Social da Igreja*: A partir do final do século XIX, com a encíclica *Rerum Novarum* (1891) do Papa Leão XIII, a Igreja começou a desenvolver sua Doutrina

Social, que é uma resposta direta aos desafios do capitalismo industrial e, indiretamente, às críticas de Marx.

- A Doutrina Social condena a exploração dos trabalhadores, defende salários justos, o direito à organização sindical, a dignidade do trabalho e a necessidade de uma justa distribuição da riqueza.
  - Ela reconhece que a pobreza e a injustiça social são problemas reais que exigem uma resposta urgente, e que a fé cristã tem um papel a desempenhar na transformação do mundo.
- b) *Crítica à Alienação e à Desumanização*: A Igreja compartilha com Marx a preocupação com a alienação e a desumanização que podem ocorrer no trabalho e na sociedade. A Doutrina Social enfatiza que o trabalho não é apenas um meio de produção, mas uma atividade que dignifica o ser humano e deve permitir sua realização plena.
- c) *Opção Preferencial pelos Pobres*: Embora não seja uma ideia marxista, a "opção preferencial pelos pobres" na teologia católica (especialmente após o Concílio Vaticano II e na Teologia da Libertação) reflete uma sensibilidade aguçada para a injustiça social e a necessidade de defender os mais vulneráveis, algo que Marx também destacou.
- d) *Distinção entre Marxismo como Ideologia e Marxismo como Análise Social*: Alguns teólogos e pensadores católicos (especialmente na América Latina, com a Teologia da Libertação) tentaram fazer uma distinção entre o marxismo como uma ideologia ateia e totalitária (que é rejeitada) e o marxismo como uma ferramenta de análise social para compreender as estruturas de opressão e exploração (que poderia ser utilizada com discernimento). No entanto, essa distinção sempre foi vista com muita cautela pelo Magistério da Igreja, devido ao risco de sincretismo e outras heresias.

Em resumo, a Igreja Católica condena firmemente o ateísmo e o materialismo de Karl Marx, bem como as consequências totalitárias e violentas de muitas de suas aplicações políticas. No entanto, ela reconhece a validade de muitas de suas críticas às injustiças sociais e à exploração

dos trabalhadores no capitalismo. A filosofia de Marx, paradoxalmente, impulsionou a Igreja a desenvolver e aprofundar sua própria Doutrina Social, reafirmando seu compromisso com a justiça, a dignidade humana e a transformação do mundo, mas sempre a partir de uma perspectiva de fé, caridade e respeito à pessoa.

## **6. FRIEDRICH NIETZSCHE (1844-1900)**

Friedrich Wilhelm Nietzsche foi um filósofo, filólogo clássico, crítico cultural, poeta e compositor alemão. Nascido em Röcken, na Prússia, em 1844, em uma família de pastores luteranos (seu pai e avôs eram pastores), Nietzsche teve uma educação rigorosa e, desde cedo, mostrou um intelecto brilhante.

A vida de Nietzsche foi marcada por uma saúde frágil e por uma intensa solidão intelectual. Ele se tornou professor de filologia clássica na Universidade de Basileia, na Suíça, aos 24 anos, uma idade excepcionalmente jovem. No entanto, sua saúde deteriorou-se rapidamente, forçando-o a se aposentar precocemente.

Os anos seguintes foram de intensa produção filosófica, mas também de isolamento e sofrimento. Ele viajou pela Europa em busca de climas mais amenos, escrevendo algumas de suas obras mais importantes, como "Assim Falou Zaratustra", "Além do Bem e do Mal" e "Genealogia da Moral". Sua filosofia era radicalmente original e muitas vezes incompreendida por seus contemporâneos.

Em 1889, aos 44 anos, Nietzsche sofreu um colapso mental, do qual nunca se recuperou. Passou os últimos 11 anos de sua vida sob os cuidados de sua mãe e, depois, de sua irmã, Elisabeth Förster-Nietzsche, que, provavelmente, distorceu e manipulou seus escritos para alinhá-los com ideologias nacionalistas e antisemitas, algo que Nietzsche teria abominado. Morreu em 1900.

### ***6.1 Vontade de Potência, Transvaloração e Além-do-Homem***

O pensamento de Nietzsche é uma crítica radical à cultura ocidental, à moralidade cristã e à filosofia metafísica, que ele via como sintomas de uma decadência da vida.

Vamos aos conceitos-chave:

- a) *Vontade de Potência (Wille zur Macht)*: Este é o conceito central de Nietzsche. Não é simplesmente o desejo de dominar os outros, mas uma força fundamental que impulsiona toda a vida. É a vontade de crescer, de superar-se, de criar, de afirmar a vida em sua plenitude. Tudo o que existe – desde os organismos mais simples até os seres humanos – é uma manifestação dessa vontade de potência.
  - Para Nietzsche, a vida não busca a sobrevivência ou o prazer como fins últimos, mas a expansão, a intensidade, a superação de si mesma.
- b) *Transvaloração de Todos os Valores (Umwertung aller Werte)*: Nietzsche acreditava que os valores morais ocidentais (especialmente os cristãos) eram "valores de rebanho" ou "moral de escravos", que negavam a vida e a vontade de potência. Ele propunha uma "transvaloração", ou seja, uma reavaliação radical de todos os valores, para criar novos valores que afirmem a vida, a força e a excelência individual.
  - Ele criticava a moralidade que valoriza a humildade, a compaixão, a igualdade e a negação dos instintos, vendo-as como expressões de fraqueza e ressentimento contra a vida.
- c) *Além-do-Homem (Übermensch)*: É o ideal de humanidade que Nietzsche propõe. O Além-do-Homem não é uma nova espécie biológica, mas um tipo de ser humano que transcende a moralidade de rebanho, que cria seus próprios valores, que vive com coragem, autenticidade e uma poderosa afirmação da vida. Ele é um criador, um artista de sua própria existência, que abraça o sofrimento e o desafio como oportunidades para o crescimento.
  - O Além-do-Homem é a superação do homem moderno, fraco e niilista.
- d) *Eterno Retorno do Mesmo*: Uma ideia cosmológica e ética. Se tudo se repete infinitamente, você viveria sua vida exatamente da mesma forma, para sempre. A questão ética é: você amaria sua vida a ponto de querer vivê-la novamente, infinitas vezes, com todas as suas dores e alegrias? Se sim, você viveu uma vida de afirmação plena.

- e) *Nihilismo*: Nietzsche diagnosticou o niilismo como a condição da modernidade. É a perda de todos os valores e sentidos últimos, a percepção de que "Deus está morto" e que não há mais fundamentos para a moralidade ou a verdade. Ele via o niilismo como um perigo, mas também como uma oportunidade para criar novos valores.

Em síntese, Nietzsche é um filósofo da vida, da força e da superação. Ele desafia tudo o que consideramos "bom" e "verdadeiro", convidando-nos a reavaliar nossos valores e a criar uma existência autêntica, impulsionada pela vontade de potência, em direção ao ideal do Além-do-Homem.

### **6.2 A Visão de Friedrich Nietzsche sobre Deus e a Religião: "Deus Está Morto"**

A frase mais famosa de Nietzsche, "Deus está morto", não é uma declaração de ateísmo no sentido comum, mas um diagnóstico cultural e filosófico.

- a) *"Deus Está Morto"*: Um Diagnóstico Cultural: Para Nietzsche, "Deus está morto" significa que a crença em Deus (especialmente o Deus cristão) e nos valores que dela derivam perdeu sua força e sua capacidade de dar sentido à vida na cultura ocidental. As pessoas podem ainda ir à igreja, mas a fé não é mais o centro organizador de suas vidas. A ciência, a razão e o secularismo minaram os fundamentos da crença religiosa.
- Ele não estava celebrando a morte de Deus, mas lamentando as consequências: a perda de sentido e o surgimento do niilismo.
- b) *A Religião Cristã como "Moral de Escravos"*: Nietzsche via o cristianismo como uma "moral de escravos" ou "moral de rebanho". Ele argumentava que, em sua origem, o cristianismo foi uma revolta dos fracos e oprimidos contra os fortes e nobres.
- Ele criticava valores cristãos como a humildade, a compaixão, a caridade, o perdão e a igualdade, vendo-os como expressões de ressentimento (o *ressentimento* dos fracos contra os fortes). Esses valores, segundo ele, negam a vida, os instintos naturais e a vontade de potência, promovendo uma existência medíocre e conformista.

- O cristianismo, ao prometer uma recompensa no céu e ao condenar os prazeres terrenos, desvaloriza a vida presente e a afirmação do corpo.
- c) *A Religião como Negação da Vida*: Para Nietzsche, a religião cristã é uma forma de niilismo passivo, pois nega o valor da vida terrena em favor de um além. Ela enfraquece o homem, tornando-o culpado, submisso e incapaz de criar seus próprios valores.
- d) *Jesus Cristo*: Nietzsche tinha uma relação complexa com Jesus. Ele admirava a figura de Jesus como um "bobo sagrado", um tipo de "Além-do-Homem" que vivia de forma autêntica e original, mas criticava a Igreja e o cristianismo institucionalizado por terem distorcido sua mensagem e transformado sua vida em uma moralidade de fraqueza.

Em termos mais simples, imagine que a sociedade ocidental construiu uma enorme casa sobre um alicerce chamado "Deus". Nietzsche não está dizendo que Deus nunca existiu, mas que o alicerce ruiu, e a casa está desmoronando. A religião cristã, para ele, é como um manual de regras que ensina as pessoas a serem fracas e a odiarem a própria vida, tudo em nome de uma promessa de uma casa melhor no céu. Ele quer que as pessoas parem de seguir esse manual e construam suas próprias vidas com força e alegria, aqui e agora.

### **6.3 A Resposta Católica à Filosofia de Friedrich Nietzsche: Confronto e Desafio**

A filosofia de Nietzsche representa um dos maiores desafios intelectuais e espirituais para a fé cristã. Sua crítica radical exige uma profunda reflexão e uma defesa robusta dos fundamentos da fé.

#### *6.3.1 Pontos de Tensão e Rejeição*

- a) *A Negação de Deus e o Ateísmo*: A rejeição de Deus por Nietzsche é irreconciliável com a fé católica, que afirma a existência de Deus como Criador, Redentor e Santificador.
  - Para a Igreja, Deus não é uma invenção humana ou um sintoma de fraqueza, mas a Verdade e o Amor absolutos, o fundamento de todo o ser e de todo o sentido.

- b) A Crítica à Moralidade Cristã: A "transvaloração" de Nietzsche, que inverte os valores cristãos, é diretamente oposta à ética católica.
  - A Igreja defende que valores como a caridade, a compaixão, a humildade, o perdão e a igualdade não são sinais de fraqueza, mas virtudes que elevam o ser humano, promovem a comunhão e refletem o amor de Deus. A moral cristã não nega a vida, mas a purifica e a plenifica.
- c) A Vontade de Potência vs. a Vontade de Amor: A primazia da vontade de potência em Nietzsche contrasta com a primazia do amor (ágape) na teologia católica.
  - Para a Igreja, o amor é a essência de Deus e o mandamento central para o ser humano. A verdadeira força não está na dominação ou na autoafirmação egoísta, mas no amor que se doa e serve.
- d) O Além-do-Homem vs. a Santidade: O ideal do Além-do-Homem, que cria seus próprios valores e transcende a moralidade, é incompatível com o ideal católico da santidade, que é a conformidade com a vontade de Deus e a busca da perfeição na caridade.
  - A Igreja acredita que a verdadeira realização humana se encontra na união com Deus e na imitação de Cristo, não na superação de Deus.
- e) A Negação da Verdade Objetiva: A crítica de Nietzsche à verdade e à razão, vendo-as como meras perspectivas ou interpretações, é um desafio à capacidade da razão humana de conhecer a verdade e à Revelação divina como verdade objetiva.
  - A Igreja afirma que a verdade existe e pode ser conhecida, tanto pela razão quanto pela fé.

### *6.3.2 Pontos de Diálogo e Desafio*

Apesar da oposição fundamental, a filosofia de Nietzsche não foi simplesmente ignorada. Ela forçou a teologia católica a uma autocrítica e a um aprofundamento de sua própria compreensão da fé.

- a) *Crítica à Fé Morna e Hipócrita*: A crítica de Nietzsche à "cristandade" como uma fé superficial, conformista e sem paixão serve como um alerta profético para a Igreja. Ele desafia os cristãos a viverem sua fé com autenticidade, paixão e coragem, em vez de se contentarem com uma religiosidade meramente formal ou cultural.
  - Essa crítica ressoa com os apelos de muitos santos e reformadores dentro da própria Igreja.
  
- b) *A Importância da Afirmação da Vida Terrena*: Embora Nietzsche tenha ido longe demais, sua ênfase na afirmação da vida presente, do corpo e da alegria pode ser um lembrete para a teologia de que a fé cristã não deve ser uma fuga do mundo, mas uma forma de santificar e transformar a vida terrena.
  - A teologia católica valoriza a criação, a encarnação e a redenção do mundo material.
  
- c) *O Desafio do Niilismo*: O diagnóstico de Nietzsche sobre o niilismo é crucial. Ele alertou para a perda de sentido que adviria da "morte de Deus". A Igreja é desafiada a oferecer uma resposta convincente ao niilismo, mostrando que a fé em Cristo pode preencher o vazio existencial e dar um sentido profundo à vida.
  
- d) *A Questão da Fraqueza e da Força*: A crítica de Nietzsche à "moral de escravos" força a teologia a refletir sobre como a fraqueza cristã (humildade, serviço) pode ser, paradoxalmente, uma fonte de verdadeira força e poder (o poder do amor e da cruz).
  - A "loucura da cruz" (1 Coríntios 1,18) é um escândalo para a razão humana, mas é a sabedoria e o poder de Deus.

Em resumo, a filosofia de Friedrich Nietzsche é um espelho implacável que reflete as fraquezas e as hipocrisias da fé vivida de forma inautêntica. A Igreja Católica rejeita categoricamente seu ateísmo, seu materialismo e sua transvaloração dos valores cristãos. No entanto, ela reconhece em Nietzsche um crítico perspicaz que, ao desafiar radicalmente a fé, paradoxalmente a convida

a uma purificação, a uma maior autenticidade e a uma compreensão mais profunda de seus próprios fundamentos. O confronto com Nietzsche pode, assim, fortalecer a fé, exigindo que os católicos vivam e defendam sua crença com paixão, coragem e uma afirmação plena da vida, enraizada no amor de Deus.